

# X.º Congresso Brasileiro de Geografia

## Comunicação Geográfica

### O descobrimento do Brasil

Cel. Av. Lysias Augusto Rodrigues  
Representante do Ministério da Aeronáutica.

Por longos anos perdurou a lenda de que o Brasil havia sido descoberto por acaso, por Pedro Alvares Cabral, por ter se afastado das costas da Africa receioso das calmarias; ainda na sessão plenária última tivemos nesta douta assembléa, afirmativa erronea de igual jaez. A imensa e preciosa documentação histórica que desde ha anos, vem sendo publicada "urbi et orbe", por eruditos pesquisadores, de ha muito evidenciou a verdade por tal fórma, que hoje em dia não é mais possivel pôr em duvida o menor detalhe histórico dessa epopéa portuguesa que foi o descobrimento do Brasil.

"Brasil" — diz-nos Porto Seguro em sua História Geral do Brasil, fl. 35 — 3.º edição — "foi o nome dado pelos portugueses á parte mais oriental do novo continente, em virtude de aí haverem encontrado em abundancia certo lenho, que subministrou ao comércio uma tinta vermelha análoga á que até então, com êsse nome, a Europa importava da Asia. Mais tarde a denominação de Brasil veio fazer-se ostensiva ao conjunto de todas as colonias portuguesas neste Continente".

Não vamos buscar as afirmativas de Aristoteles e Strabon, prevendo a existência do continente americano, nem apontar-vos as expedições escandinavas á america no seculo X, para documentar esse erro, bastando tão sómente indicar os documentos que provem a vinda de navegadores portugueses ao Brasil, muitos anos antes da descoberta da America pelos hespanhoes.

O Reverendo Padre Mestre Dr. Frei Gaspar da Madre de Deus, na sua "Noticia dos anos em que se descobriu o Brasil" (Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, Vol. 2 do Tomo II de 1840) nos conta:

"Uma tempestade horrosa, que constituiu Affonso Sanches na precisão de discorrer por mares nunca d'antes navegados até altura, d'onde avistou certa terra desconhecida, á qual não pôde arribar, como desejava, por se mudarem os ventos para rumos contrarios ao seu designio, ocasionou a este piloto Andaluz, como dizem uns, ou Portuguez, como querem outros, a ventura de noticiar no mundo antigo a existência do novo".

Assis Cintra em suas "Revelações históricas para o Centenário", transcreve um documento existente no Livro 138, fls. 148 e 149 dos "Arqui-reservados do Vaticano", referentes ao ano de 1343, que nos dá maiores detalhes sôbre a afirmação de Frei Gaspar da Madre de Deus. Diz êste documento:

"Num dia aportou em Lisbôa um dos capitães — Sancho Brandão. Desgarrando-se do mar do Occidente, castigado pela tempestade e impellido por uma corrente misteriosa, o capitão Sancho alfim abordava uma terra magnifica, habitada por homens nús, opulenta em arvores de tinta vermelha, tentara contorna-la, navegando para o Norte. Não o pôde porém descobrir outras ilhas. Carregando consigo alguns homens e algumas produções da terra, Sancho Brandão e seus bravos marinheiros velejaram para Portugal, anciosos para incrustarem na Corôa Portugueza a Gloria do primeiro descobrimento dos mares do Occidente.

Orgulhoso pela vitória conseguida e grato ao valente marujo que lhe dêra uma terra nova, Affonso IV batisou a Grande Ilha do pão vermelho com o nome de ILHA DO BRASIL.

“Em 12 de Fevereiro de 1343, como era de praxe, o rei comunicou ao papa Clemente VI o auspicioso acontecimento em carta escrita de Montemor o Novo, e assim se expressou:

Diremos reverentemente a Vossa Santidade que os nossos naturais foram os primeiros que acharam as mencionadas ilhas do Occidente... Dirigimos para alí os olhos do Nosso entendimento, e, desejando por em execução o Nosso intento, mandamos as Nossas gentes e as Nossas náus para explorarem a qualidade da terra, as quais abordando as ditas ilhas, se apoderaram por força de homens e animais e outras coisas, e as trouxeram com grande prazer aos Nossos Reinos”. Apenso a esta carta havia um mapa da região descoberta, com a inscrição: “Insula de Brasil”.

Esta Ilha do Brasil em 1351 já figurava no portulano dos Medicis, embóra sem precisão de contornos e posição geográfica exata, mas com “uma configuração aproximada da da America do Sul”.

Em 1360 Ranulf Nyggeden desenhava um mapa mundi, que se acha hoje no British Museum, no qual se vê a Ilha do Brasil bem colocada e bem configurada. Em 1375, Carlos V, rei de França, mandou ao Vaticano um cartógrafo da Maiorca para copiar o mapa de Sancho Brandão, levando ordem de corrigir e ampliar o original, de acôrdo com os resultados das expedições feitas desde 1343 até esta data. Este mapa achava-se na secção de Iconografia da Bibliotéca Nacional de Paris (III, 132, s. XVI). Nele já se encontra a Ilha do Brasil com a conformação e posição da America do Sul, mais ou menos igual á do Mapa Mundi de Nyggeden.

Assis Cintra nos informa igualmente que no mapa dos irmãos Nicoláu e Antonio Zeno, de 1380, consta a Ilha do Brasil.

Que as descobertas marítimas continuaram prova-nos o mapa de Becharia, de 1435, no qual são indicadas diversas ilhas na costa americana inclusive a ilha do Brasil, e a Antília; querendo mostrar que tais ilhas já eram conhecidas, o autor anotou: "Insule di nuovo reperte".

Quando Gonçalo Velho a instancias do Infante D. Henrique, meteu a prôa da sua caravela Atlantico a dentro, rumo ao oeste, iniciava sem o saber a era das grandes explorações sistemáticas do occidente. Para se ver o vulto deste movimento, basta dizer que de 1431 a 1446 saíram de Sagres mais de 50 caravelas para descobertas marítimas. A maior parte destes ousados navegadores trouxe notícias dessas descobertas, quer na costa africana, quer na das Americas, informações essas que foram concatenadas em um mapa por André Bianco em 1436. Nesse mapa vem a Ilha do Brasil com a positiva indicação: "Ilha autentica a 1500 milhas ao poente".

Esse mesmo cartógrafo, segundo Faustino da Fonsêca em "A descoberta do Brasil" diz:

"Numa carta do seu portulano, feita em 1448, ao dar conta das descobertas portuguezas, torna a apresentar o Brasil, mas, de uma forma mais precisa na parte oeste e sul do Cabo de S. Roque, ao sul das ilhas dos Hermanos, Fogo e Brava de Cabo Verde, na sua verdadeira posição em face da costa da Africa, comquanto mais próxima do que realmente está, erro que cáem muitos cartografos, mesmo no seculo XVI, e a que D. João de Castro aludia no seu Roteiro".

No reinado de Affonso V de Portugal, as descobertas foram ativadas ao maximo. Duarte Galvão no seu "Tratado dos Descobrimentos" nos diz que:

"Nêste tempo foram ilhas e terras descobertas de que já não há memoria".

"Em 1473, Fernão Telles apresentou a D. Affonso V e a Junta de Geógrafos e Matemáticos presidida pelo Infante D. João, o roteiro de suas descobertas transoceanicas. Acompanhava êsse roteiro um Mapa, em que se achava figurada extensa costa, bordada de ilhas, enseadas e rios".

O Cel. Arnaldo Damasceno Vieira em "Falseamentos da nossa historia" diz:

"Verifica-se que as terras solicitadas por Fernão Telles, compreendem a costa norte do Brasil, desde o Maranhão até ao Ceará, com os respectivos acidentes terrestres e hidrograficos, e a representação do delta do Rio Parnaíba, no Piauí".

A carta de doação das terras a Fernão Telles é datada de 28 de Janeiro de 1474 e nela reza:

"... Nos praz que indo elle ou mandando seus navios ou homens ás partes do mar ociano..."

A 10 de Novembro de 1475 Fernão Telles recebe nova carta de doação que, segundo o Dr. Gaspar Frutuoso em "Arquivos dos Açores" (VII):

"... esclarece completamente a primeira, o que manifesta que depois da concessão dela se deram circumstancias que só podiam dar-se no reconhecimento das terras doadas, das terras da America.

Fernão Telles sabia o valor do que pedira e D. Affonso conhecia o alcance do que doava, ambos tinham conhecimento da America... e da importancia do seu aproveitamento".

Basta dizer que a doação feita era:

"como o rei tinha autorgado de Guiné ao Infante D. Henrique".

Desde 1470 havia intensa navegação para as costas da America do Sul por causa do páo Brasil, de tal sorte que o rei Affonso V, a 19 de Outubro de 1470, baixou uma Carta Régia na qual

"proibía ás pessoas que tinham o privilegio de commerciar com a Guiné, negociarem com as tintas do Brasil, que estavam reservadas para Si."

Diz o Cônego Dr. Fernandes Pinheiro:

"havia tal navegação para lá (Brasil) em 1475, que era preciso defender com fortes penalidades a concessão de Fernão Telles".

O rei de Portugal á medida que novas descobertas eram feitas e que o trátego a aumentava, tratou de salvaguardar melhor seus direitos, uma vez que tais descobrimentos eram guardados em segredo. Provocou a assinatura de um Tratado com Castella, que recebeu o nome de Alcaçovas, em 1479, pelo qual ficou estabelecido que:

“Não só a costa da Africa como todas as ilhas descobertas, ou que se viessem a descobrir no Mar Ociano (excepto as Canarias) pertenceriam a Corôa Portugueza”.

Era indiscutivelmente um golpe inteligente da diplomacia portugueza, que assim assegurava largas extensões já descobertas por portuguezes e sua exploração, em segredo.

A carta de confirmação da doação feita por D. João II a Fernão Dulmo e João Affonso do Estreito a 3 de março de 1486 (vêr “Alguns Documentos da Torre do Tombo pag. 58):

“vêm revelar a existência de trabalhos da maior importância relativos á America, em que não se trata mais de descoberta, mas de posse efetiva da conquista, da ocupação”.

Fernão Dulmo era genro de Fernão Telles.

A consequência natural dessas continuas viagens á America do Sul era o povoamento da terra, e o Doutor Jordão de Freitas o prova cabalmente citando o documento que encontrou na Torre do Tombo, denominado “Provarás”:

Diz o 3.º Provará:

“Antonio Corrêa, Gonçalo Leite, Bartholomeu Ferraz e Gaspar Palha

entendem provar que no ano de 1531, em tal mês, a náu e gente que se diz serem do autor, foram ter a Pernambuco porto do Brasil, onde estava um castelo e fortaleza feita por El Rey Nosso Senhor, a seus vassallos portuguezes, a qual havia 30 anos e mais que no dito porto era feita, e era dito Castello e porto habitados por portuguezes que tinham aí suas casas de morada havia quarenta anos e mais...”

Tratava-se portanto de portuguezes que moravam em Pernambuco desde antes de 1490.

Igual prova nos dá Frei Gaspar da Madre de Deus na sua "Noticia", cotando o testamento de João Ramalho, então em suas mãos, de 3 de Maio de 1580, onde João Ramalho afirmava "havia 90 anos assistia naquela terra", isto é, em 1490 também. E Frei Gaspar da Madre de Deus frisa o fato de isso ser verdade, porque si não o fôra, testemunhas ali presentes o teriam certamente contestado.

Quando Colombo foi procurar D. João II, propondo-se a descobrir a América, era lógico que D. João não podia aceitar a proposta de alguém que queria descobrir uma posesão sua que explorava em segredo. Os portuguezes sabiam também, como Colombo chegara ao conhecimento daquelas terras, por suas ligações com portuguezes. Ora, tal descoberta seria uma ameaça séria que obrigaria os portuguezes a tornarem pública sua posse, sob pena de a perder.

São sobejamente conhecidos os fatos passados então. A ação de Colombo fez caducar automaticamente o Tratado de Alcaçovas e a Bulla de Nicoláu V de 8 de Janeiro de 1454. A Bulla "Inter Coetera" de Alexandre VI fazia Portugal tudo perder de um só golpe. Portugal toma atitude decidida e surge o celebre Tratado de Tordesilhas, com o qual os portuguezes contavam garantir suas conquistas mais valiosas.

Morrendo D. João II, sóbe ao trono portuguez D. Manoel, congnominado posteriormente "o Venturoso", que quiz logo saber qual o território exato que pertencia a Portugal por esse Tratado.

É então que é aprestada a esquadra de Duarte Pacheco, que viria acompanhada por mestre Martim Behaim.

Em "Esmeraldo de situ Orbis" Duarte Pacheco relata a viagem, onde diz (Livro I, Cap. III, fl. 3):

“E portanto bemaventurado Príncipe, temos sabido e visto como no terceiro ano do Vosso Reinado, do ano de mil quatro centos e noventa e oito, nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental passando a grandeza do mar Ociano onde é achado e navegado numa tão grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela, que se estende a 70 grãos de ladeza da linha equinoxial contra o pólo Artico... por esta mesma costa sobredita, do mesmo circulo equinoxial em diante por vinte e oito graos de ladeza contra o pólo antartico, he achado nela muito e fino Brasil.”

Si do Equador para o norte Duarte Pacheco vai até ao Labrador, possessão portugueza, para o sul a posse portugueza vai só até 28° de ladeza. D. Manoel assistido por bons diplomatas resolve então, usando astucia contra astucia, “descobrir” oficialmente o Brasil.

Apresta uma esquadra, dá seu comando a Pedro Alvares de Gouveia, depois Pedro Alvares Cabral, anuncia que ela vai ás Indias e prepara uma saída espetacular para chamar a atenção dos outros países, tendo mesmo o cuidado de não trazer a esquadra marcos de posse, o que era habito corriqueiro. A esquadra encontrou bom tempo em toda viagem. Como justificar a mudança de rumo para vir fazer a descoberta oficial do Brasil.

Espalha-se a notícia da fuga das calmarias! tudo corre bem, até mesmo a propagação dessa lenda. Portugal neutralisára o golpe hespanhol. Todas as descobertas pre cabralinas, que a supressão do segredo real libertou, evidenciam de sobejo que o Brasil antes da viagem de Cabral era, não só conhecido mas povoado por portuguezes; mais, toda a costa americana era também descoberta deles, desde o Labrador ao rio da Prata.

Quanto à afirmação errônea aqui feita sôbre a descoberta dos rios Amazonas e Oypock por Pinzon, lenda devida quasi toda a Varnhagen, não resiste hoje ao embate dos argumentos apresentados por Duarte Leite em "Descobridores do Brasil", nem áqueles apontados pelo Cel. Ignácio José Verissimo em "Falsos precursores de Cabral".

Aiás, a douta peroração do professor Jaime Cortesão, neste Congresso, provou a impossibilidade de Pinzon ou de qualquer outro hespanhol ter vindo ao Brasil antes de 1500.

E' o que tinha a dizer, Sr. Presidente, para não deixar passar sem resposta as afirmações históricas inverídicas proferidas nêste Congresso.